

IEJRO028

FUTEBOL É PROGRAMA DE ÍNDIO

No estádio do Ibirapuera, quatro nações indígenas disputam o primeiro campeonato Intertribol. É o futebol integrando o índio à Capital

RONALDO BARBOSA

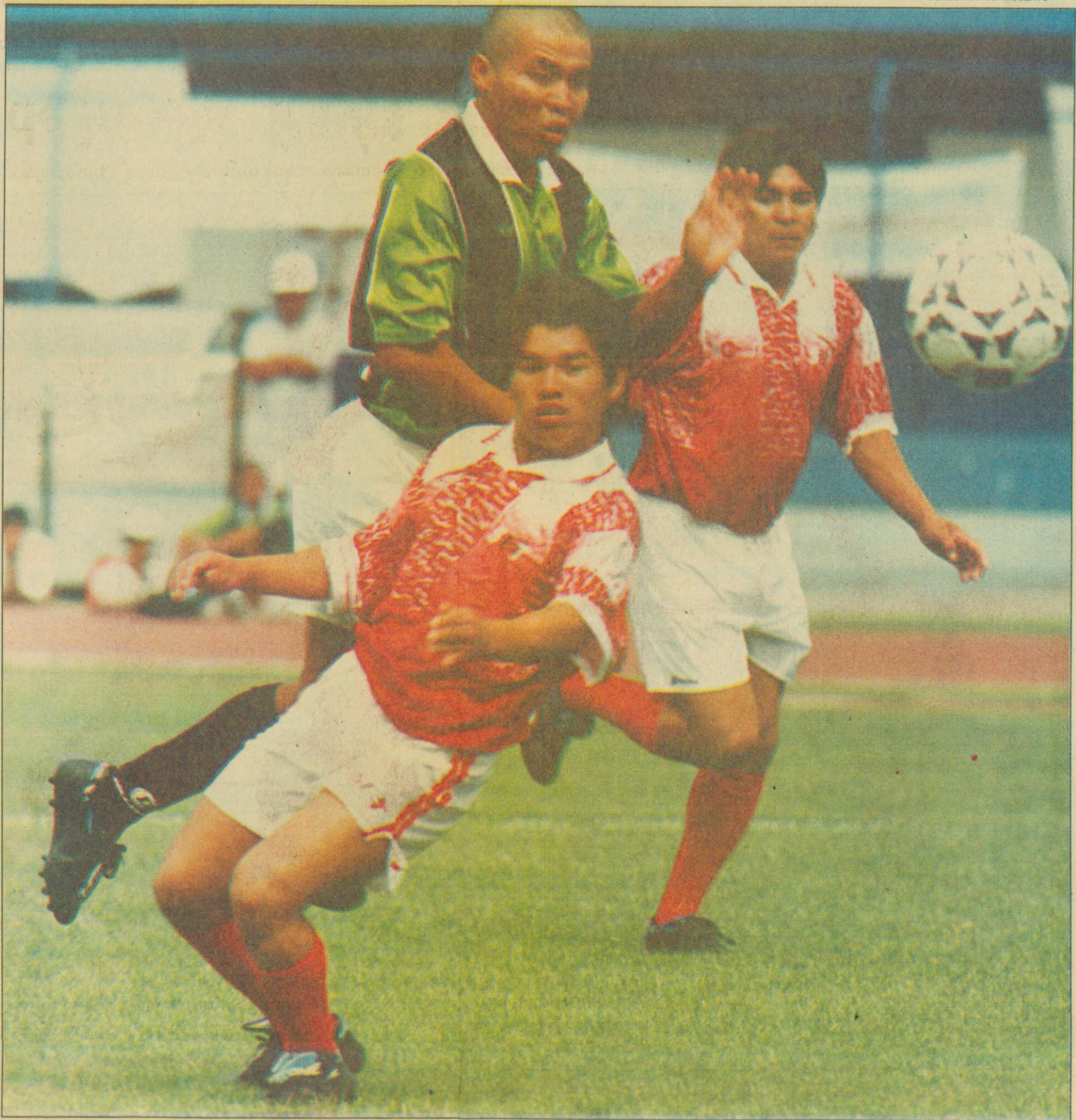
A paixão pelo futebol está conseguindo reunir em São Paulo quatro nações indígenas para a disputa da 1ª edição do Intertribol - Campeonato Estadual Indígena de Futebol, realizado no estádio Ícaro de Castro Mello, no Ibirapuera. São quase 300 jogadores, representando 17 equipes, divididas entre as nações krenak, guarani, kaingang e terena. Gritando e torcendo em vários dialetos, os índios agitam as arquibancadas e tentam empurrar seus times à grande final de amanhã, às 10 horas. A entrada é franca e o belo programa de índio vale a pena.

O evento, realizado pela Funai, tem o apoio das Secretarias do Estado de Esportes e Turismo, de Economia e Planejamento e da Cultura. "O trabalho em parceria é o melhor caminho para o Intertribol e, em especial, para os índios", diz Maurício Fonseca, um dos coordenadores.

Adolfo Timóteo, cacique guarani, veio da aldeia Rio Silveira, em São Sebastião, e conta que lá sua equipe tem dificuldades para treinar. "Jogamos no terrão e o campo não é plano. O duro é o contra-ataque na descida", revela Adolfo. Ele mesmo quase não joga, mas quando entra em campo vai para a ponta direita.

Cassiano Sebastião, o Inho, técnico do Esporte Clube Kopenoti, de Avaí (região de Bauru), tem mais sorte: há dois anos treina sua equipe em gramado. "Minha tribo tem uns 400 índios e o futebol é nosso principal lazer", explica.

Na cerimônia de abertura do torneio, as equipes entraram em campo ao som do tambor terena, seguido de danças típicas por jovens índias e cantos de crianças. O juramento do atleta foi lido em português e repetido em vários dialetos das nações presentes. A competição está sendo realizada agora, porque coincide com a entressafra. Muitos trabalham na lavoura e na época de colheita não podem sair.

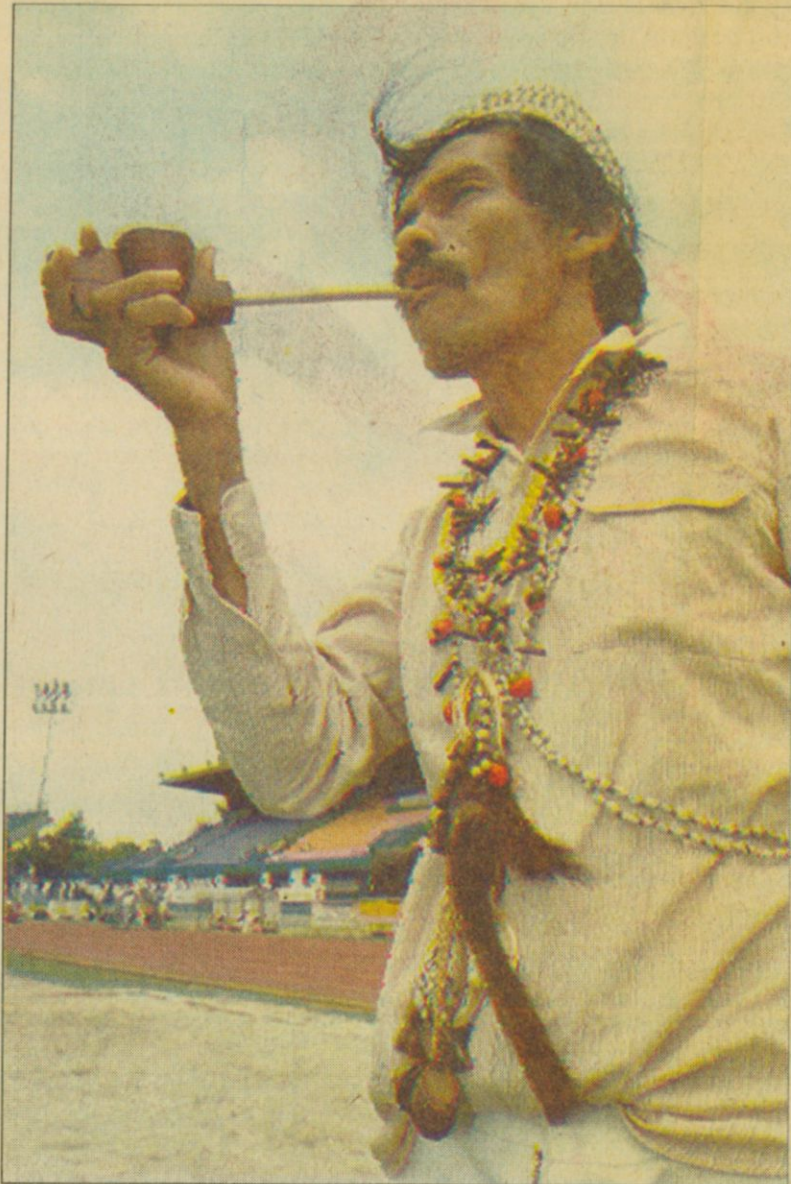


FOTOS: WANDER ROBERTO

No futebol de índio, sobrou garra nas disputas de bola e não faltou quem aderisse à moda Ronaldinho e raspasse a cabeça



Denildo, craque do Vanuíre, é o grande matador do torneio.



Pajé Pedro Wera fuma e ora pelo bom desempenho dos times.



Cacique Marco Tupã valoriza as tradições indígenas

Artilheiro mata Túlio de inveja Pajés garantem força espiritual

Enquanto Túlio Maravilha e outros brancos e negros do milionário futebol profissional não desencantam, o representante da comunidade indígena Vanuíre, encanta os torcedores com os seus gols e dispara na liderança da artilharia do Intertribol.

Denildo Doquenri Campos, 25 anos, é o grande matador do Intertribol. Em dois jogos marcou 18 gols, apresentando uma média de 9 por partida. O atacante do Vanuíre Futebol Clube está acostumado ao título de artilheiro. "Em Tupã, fui três vezes artilheiro do campeonato municipal e uma vez o melhor ata-

cante." Denildo é são-paulino fanático e tem Zetti como seu maior ídolo no futebol. "Ele é o melhor goleiro da atualidade no futebol brasileiro, mesmo jogando no Santos. Sua técnica e raça me impressionam", revela.

O índio artilheiro nasceu, mora e trabalha na aldeia Vanuíre, em Arco-Íris, município de Tupã. Na lida com a lavoura e nos jogos, o "Índio", como é chamado em sua região, aproveita os finais de semana para defender a equipe do Marajoara, na categoria amador. Ele joga desde os 12 anos e já conhece as manhas das tribos vizi-

nas. "A defesa deles é fraca. Nós temos toque de bola, jogamos em conjunto e corremos bastante para aproveitar os lançamentos pelas pontas."

O Intertribol tem se destacado também pela média de gols durante a competição - seis por partida. Na primeira rodada, em oito jogos, foram marcados 49 gols. Na partida inaugural o placar final ficou assim: Vanuíre 16 x 0 Guarani, de Rio Branco. Nesse jogo Denildo também deixou a sua marca, com sete gols. "Tenho entre 1m70 e 1m80 e 70 ou 74 quilos. Não sei. Acho que isto me ajuda um pouco nos jogos."

Sem dispensar os treinamentos físicos e coletivos entre os jogadores das aldeias, os índios também depositam sua confiança nas orações dos pajés, que sempre acompanham suas delegações durante os jogos e competições. "O pajé faz uma oração para que tudo dê certo e nada de mau aconteça aos jogadores dos dois times. Sem pensar em vitória, mas no bom desempenho dos jogadores", explicam os índios.

A equipe do Clube de Regatas Boa Vista, de Ubatuba, um dos representantes da nação guarani durante o Intertribol, leva o pajé Pe-

dro Wera para assessorá-la espiritualmente durante as partidas jogos.

"Para o índio, o que prevalece é a valorização das tradições e da cultura. O que já não acontece com o branco", diz o cacique Marco Tupã, chefe do Boa Vista. Sentado ao lado do campo ou na arquibancada, o pajé Wera faz suas orações e fuma seu cachimbo pensando no rendimento das equipes e torcendo para os jogos tenham bom nível.

Enquanto os índios correm no gramado, os caciques e líderes representantes das nações indígenas se reúnem no auditório do ginásio

Mauro Pinheiro, no Ibirapuera. As lideranças indígenas participam de congressos técnicos sobre esportes e assistem apresentações culturais, como as danças indígenas Bate-pau e Xomdaro, apresentadas pelas etnias terena e guarani mbya. Outra atividade indígena durante a competição é a feira de artesanato que está sendo realizada na avenida Paulista.

As delegações participantes estão alojadas na Água Branca e no Ibirapuera e recebem apoio das prefeituras de suas cidades, como transporte e ajuda de custo para alimentação durante a viagem. (RB)